

Timor Lorosa'e, características das Línguas Crioulas e do Português conservado na zona — Contribuição para a Língua oficial

Maria José Albarran de CARVALHO
(Escola Superior de Educação de Beja)

Resumo

Período bastante para recolha de dados, escritos / orais, da comunidade de utentes do português em Timor Lorosa'e, permite cotejo com crioulos de Malaca-Singapura e Bidau e, pelo confronto de antropónimos portugueses, verificar movimentos migratórios (Malaca, Solor-Flores-Adonara, Oecusse) e direcções desviantes na re-análise linguística ao longo das mencionadas deslocações, sempre em função da norma do Português Europeu Contemporâneo e circunscrita a componentes da gramática.

Por um lado, a identificação de direcções de mudança, fixada em crioulos / variedades do português ou resultante de incompleta aprendizagem de língua estrangeira, beneficia o ensino da língua portuguesa, que o CNRT elegeu para Língua Oficial de Timor Lorosa'e, para o qual se aduzem observações úteis. Por outro lado, exibem-se traços identificadores de comunidades cristãs, reconhecíveis pelos apelidos e/ou primeiros nomes portugueses e, por vezes, utilizadoras desta língua na liturgia, ambos testemunhos da presença de património linguístico português, adoptado como elemento da definição de identidade outra. Estas comunidades e aquele país encontram-se na mesma zona, o sudeste asiático, carenciada quanto a acção do Instituto Camões, nomeadamente em leitorado, apoio que já A Rego (reed1998) solicitou nos anos sessenta, e ao qual, em conclusão, se apela.

Dez meses de cursos, intensivos e formais, de português, em Timor Lorosa'e, legitimam a verificação de tendências para «erro» na aprendizagem da língua recentemente definida como oficial, de acordo com a política linguística perfilhada pela direcção política do país.

Concretamente, a experiência de leccionação decorreu em três zonas – Lautém, Oecusse, ambos os extremos do território, e Díli. Os dados foram recolhidos junto do público dos cursos, quer em fase de iniciação (professores, membros de congregações religiosas – SVD, SDB, SSPS, seminaristas - e alunos do Pré-Secundário, os primeiros numa média de 30 anos e os segundos roçando os 17, prevalecendo o sexo masculino em ambos), quer na de aperfeiçoamento (público exclusivamente constituído por professores que, sob o colonialismo português, completaram a 4ª classe ou alcançaram os graus de professores de Posto, Auxiliares / Monitores Escolares, além de funcionários, rondando os 38 anos, em média, e formado por larga maioria de homens). Ter em conta que estes, durante 24 anos foram proibidos de se expressar em português, repressão que quase suprimiu as redes comunicativas naquela língua – 2% em Lautém, 4% (?¹) no Oecusse, segundo amostragem fornecida por 80 % dos professores, destinatários dos cursos da autora. Assinale-se, ainda, que a primeira língua dos três grupos era, não austronésica, em Lautém, o fataluco; austronésica, no Oecusse, o baiqueno; diferentes línguas, com predomínio de uma variedade do tétum, em Díli.

A amostragem possibilitou breve censo de tendências desviantes: 1) anquilosadas numa bolsa de «ex-falantes», que sob repressão do militarismo indonésio, foi conduzida a significativa regressão no seu desempenho linguístico em português; 2) visíveis, na fase inicial de aprendizagem, como áreas de dificuldade; 3) detectáveis no «português de sobrevivência» preservado por alguns timorenses pouco / nada escolarizados durante a colonização portuguesa. Entre essas tendências, pese a diversidade dos públicos, é notória uma unidade na direcção tomada.

Orientou o presente estudo, meras nótulas, a notável semelhança entre as tendências adiante afloradas e características tanto do *kristang*² de Malaca, como do crioulo de Bidau, actualmente julgado extinto, mas que foi usado, até 1950, sobretudo num bairro, hoje suburbano, de Díli, conhecido pelo topónimo de Bidau - justamente aquele em que se fixou grande parte dos portugueses e de outros habitantes de Lifau, aquando da transferência da capital dessa cidade para Díli, nos inícios do século XVIII.

Conhecedores do facto de, parcialmente, a população portuguesa e euro-asiática de Lifau, actualmente o Enclave do Oecusse, provir de Solor / Adonara, Flores (Larantuca e arredores, Konga, Sikka, etc), comunidades fortemente ligadas a Malaca³, se daí não originárias⁴, é de se pôr a hipótese altamente provável⁵ de tais movimentos migratórios terem sido portadores de traços linguísticos não só identificadores do itinerário percorrido, como indiciadores de direcções de mudança / erro. Tanto mais quanto se trata, em qualquer uma delas, de comunidades muito isoladas e endogâmicas, fortemente conservadoras dos seus traços identitários como forma de auto-afirmação e sobrevivência em meio religiosa e culturalmente diferenciado / adverso.

Abona a favor desta conjectura o facto, comprovado, de os antropónimos listados, como tipificadores da comunidade cristã de Malaca, por A Rego (ed1998:292) serem dos mais frequentes (M. J. Carvalho:2001) no Oecusse de hoje, a saber: 1) Apelidos: Abreu, Amaral, Alves, Baptista, Carvalho, Conceição, Costa, Cruz, Dias, Fernandes, Gama, Lopes, Melo, Noronha, Nunes, Oliveira, Pereira, Pires, Rodrigues, Rosário, Sequeira, Silva, Sousa, Vaz; 2) Primeiros nomes: Agostinho, Francisco, Lázaro, João, Maria, etc.

Destacam-se outros, raros no Oecusse mas, assim como os anteriores, frequentes em Díli – numa mesma área populacional, a dos inscritos nos cursos em realização: Amaral, Albuquerque, Almeida, Andrade, Araújo, Gomes, Lobato, Lobo, Machado, Monteiro, Neto, Pestana, Pinto, Ribeiro, Sacramento, Santa Maria, Teixeira.

A circulação, por exemplo, de quadras soltas⁶ e da cantiga *Pastorinho berde* (id), sobre o mesmo motivo, por Malaca (A Rego:1942, reed 1998: 89;115-116;266-268) e Bidau (A Castro:1943:160) reforça as mencionadas ligações.

Socorre-se a eventualidade proposta de vários argumentos históricos, a consultar na vasta obra de historiadores como L. F. Thomaz, B. de Sousa, e de documentos de ordens religiosas, nomeadamente dos dominicanos e jesuítas, dos séculos XVI a XVIII, que constituem fontes relativamente às deslocações de comunidades de cristãos – portugueses, euro-asiáticos e asiáticos – de Malaca para Solor - Adonara - Flores e desta ilha para Lifau.

Também se percorreram os cemitérios de Pante Macassar e Oessilo (Novembro de 2000 a Março 2001), para confronto da antroponímia encontrada com a registada nos das Flores⁷ (Larantuca, Sikka, Maumere), Malaca e Singapura, em trabalho de campo realizado entre 16 e 20 de Abril de 2001, para censo das inscrições tumulares nas localidades indicadas.

Afirma-se que a afinidade antroponímica de Malaca com o Enclave do Oecusse, no presente, passa pelas Flores, onde a autora acabou de verificar - aliás como procedeu em Malaca (cemitério

cristão onde se enterra a população católica dos bairros de Hilir e Trangkera) - a preservação de apelidos como: (da) Cruz, Fernandes, Pereira, (do) Rosário, Sequeira, (da) Silva, (de) Sousa, Vaz. Estes são igualmente comuns a Singapura e até a Goa, onde se encontram outros como sejam: Albuquerque, Asse, Barreto, Castel-Branco, Costa, Ferrão, Gama, Mascarenhas, Meneses, Moniz, Monteiro, Nazareth, Noronha, Ribeiro, Vidal, etc. comprovadamente conservados até à actualidade, por recolha da autora em Goa-Pajim (Maio 1993), que o atesta para comunidades originariamente goesas disseminadas por Moçambique – trabalhos de campo levados a cabo em 1975-1980; 1990-1991 - e que, desde sempre, constituíram património da antropónimo portuguesa.

Antropónimos comuns às Flores (Larantuca, Sikka, Maumere) e ao Oecusse são: (de) Carvalho, (da) Costa, (da) Cunha, Gama, Gonçalves, Jesus, Lopes, Martins, Pinto, Ribeiro, Xavier.

Persistem em Malaca, tal como no Oecusse, sendo os sublinhados comuns aos das Flores: (da) Conceição, (da) Costa, Lopes, Lobo (Lopo), Melo, Noronha, Nunes.

Sobrevivem em Singapura⁸, tal como no Oecusse – os itens sublinhados ecoam as anteriormente mencionadas comunidades cristãs - os apelidos: Abreu, Gonçalves, Nunes, Pinto, Rodrigues, Rosa.

À excepção de Malaca, onde apenas os túmulos posteriores a 1970 foram analisados face à rigorosa listagem de A Rego da década de sessenta (Reed 1998:1968:292), nos restantes cemitérios procedeu-se ao levantamento da totalidade dos sepulcros deste século⁹. Se os antropónimos, nomes e apelidos, se mantêm nas inscrições tumulares deste período é porque estão vivos¹⁰, de inquestionável maior / menor produtividade naqueles grupos populacionais.

Do censo realizado, resulta a perda de alguns apelidos listados por A Rego, perda essa a considerar como eventualidade, já que eles poderão respeitar a pessoas que ainda não faleceram, ou foram enterradas noutro lado, além de poder tratar-se de falha no estudo.

Verificou-se, *grosso modo*, igual produtividade no uso dos apelidos comuns. Figuram como exclusivos de cada comunidade, indicada nos parênteses, os seguintes, todos únicos ou de baixa frequência, excepção feita aos sublinhados: Brito, Franco, Frois, Madrigal, Santa Maria, Paz, Peralta, Zarza Dias (Malaca); Arozoo (Araújo), Cordeiro, Crasto, Gomes, Henriques, Monteiro, Oliveira(o), Pestana, Rangel, Sagar (Saraga: segundo J Mattoso, conhecida família de judeus portugueses:cp:2001), Salvador, Santiago, Teixeira (Singapura); Almeida, Contreiras, Dias, Gente, (da) Gomes, Matutina, Monteiro, Nona, Reza (Sikka); (da) Rato, (da) Santo, Santa (Wureh); Ornelas, Peres, Varela, Vieira (Flores)¹¹.

Entre os primeiros nomes – referem-se apesar de o estudo se centrar nos apelidos - a recorrência parece maior. São, globalmente, fecundos nas comunidades analisadas, com irregularidades ortográficas variadas¹², os antropónimos: Ágata, Agostinho, Anselma, António, Augusto, Bernardo, Cecília, Dinis, Domingos, Elisabete, Emanuel, Francisco, Gaspar, Isabel, Jacinta, João, Joana, José, Josefa, Júlia, Lamberto, Lino, Lucas, Lúcia, Madalena, Marcelino, Maria, Marta, Mateus, Moisés, Mónica, Paulo, Rita, Rosa, Teresa, etc.¹³

Ainda a este propósito, e para terminar, acrescenta-se que a ortografia dos mencionados antropónimos, decorre da descompressão causada pela inexistência de escolaridade em português, reflectindo fortes tendências de desvio, fonologicamente motivado nas ocorrências assinaladas. Vejam-se os seguintes exemplos:

- Da Cruz: *de Cruz, da Crux, da Crosse, d' Cruz, Kuce*
- Do Rosário: *de Rozari, de Rosa[s]ri, de Rozario, do Rosario, do Rosari, de Rozairo, Derozari*

Da Silva: *de Silva, Dasilva*

De Souza: *de Soza*

- Sequeira: *Sequera, Seguera* (não oposição [k] / [g]), *Siguera, Sakera, Sac [k]eru, Saseru* (hipercorreção)
- Pereira: *Perera, Parera, Pareira*

Fernandes e Lopes com *-z*, *Fernandez e Lopez* e Melo com *-ll-*, *Mello*, conservam a ortografia quinhentista; *Lopo* mantém ortografia medieval. Exceptuando estes classicismos, a ortografia mostra os desvios que adiante se descrevem, mais frequentes nas Flores, embora a presença portuguesa tivesse sido iniciada mais tarde¹⁴, e se tivesse prolongado, porém nunca chegou a revestir índole tão forte como em Goa, regiões circundantes, e, ainda, Malaca, onde se desenvolveram crioulos de base lexical portuguesa.

Percorrem-se, então, os fenómenos desviantes considerados comuns, apenas alguns, os mais frequentes nesta fase do estudo, apresentados por componentes da gramática do português. As tendências são reveladoras de identidade própria, que as diferentes comunidades atestam, indicando direcções de re-análise a serem tidas em conta no ensino de português em Timor Lorosa'e. Regista-se a similitude de tais tendências desviantes com a fixação de algumas características dos crioulos de Malaca - Singapura e Bidau. Esclareça-se que a recorrência de alguns desvios, nomeadamente em Lautém – região fora do eixo migratório em causa – radica em justificação respeitante ao próprio sistema linguístico do fataluco, língua configurada sem recurso ao parâmetro de pares mais / menos vozeados em todas as oclusivas. Está-se, por conseguinte, face a característica interna do sistema português, que coloca substancial dificuldade na sua aprendizagem à população da zona, em algumas destas mesmas oposições e noutras abrangidas pelo vozeamento, tal como entre falantes de variadas outras línguas diferentemente parametrizadas.

Como última observação, o Alfabeto Fonético Internacional não foi, por regra, usado, para facilidade de publicação, uma vez que a autora está quase incomunicável e não poderá assumir a revisão de provas.

Fonologia e Ortografia

Fenómenos como:

- monotongação de *-ei* → *-e-*, *-i-* (comum a variedades do Português Europeu Contemporâneo e a outros membros da CPLP)
 - tranqueira → *tranquera, trangkera* (Malaca)
 - madeira → *madera* (Malaca – Singapura, Bidau, Oecusse, Díli, Lautém)
 - canseira → *cansera* (Bidau)
 - Sequeira → *Sequera* (Larantuca, Malaca-Singapura, Bidau, Oecusse, Lautém, Díli)
 - Pereira → *Perera* (Sikka e idem)
 - Sexta-Feira → *Sesta – Vera* (Larantuca)
 - Conceição → *Concição* (Oecusse)

- de – ai → -ei-; -a
Rainha → *reinha*, *renha* / *renya* (Larantuca)
Misericórdia → *Mesicorda* (Larantuca)
- ditongação de –a
vocábulos em -ença / -ensa
sentença → *sentencia* (Malaca-Singapura)
ofensa – *ofensia* (Oecusse)
e ainda:
Anselma → *Anselmia* (Flores, Oecusse)
justiça → *justicia* (Malaca-Singapura, Bidau)
- de – e-
conselho → *conseilho* (Malaca)
- assimilação:
regateira → *ragatera* (Malaca – Singapura)
- dissimilação:
pequenino → *pequinino* (Malaca, Oecusse, Bidau, variedades do Português Europeu Contemporâneo e outros membros da CPLP)
formosura → *fermosura* (Malaca, Bidau e português medieval / período clássico inicial)
- metáteses:
Contreiras → *Conterius* (Sikka)
Perguntar → *preguntá* (Malaca, Bidau)
- desnasalização.
Constantino → *Costantino* (Oecusse, Lautém, Díli)
Confessor → *cofessor* (Larantuca)
- e → i
balde → *baldi* (Malaca-Singapura, Oecusse, Lautém, Bidau, Díli, outros membros da CPLP variedades do Português Europeu Contemporâneo e outros crioulos de base lexical portuguesa)
rede → *redi* (idem)
- x → s / ce, ci (fricativa palatal → fricativa alveolar)¹⁵
bexiga → *besiga* (Malaca)
peixe → *peice* / *pece* (Malaca, Oecusse, Lautém, Bidau, Díli)
- ch → tch
chave → *tchave* (Malaca)
chuva → *tchuva* (Malaca, Oecusse, Lautém, Díli)
- j-, -gi-, -ge- @ z¹⁶ (realização fonológica correspondente ao grafema em posição não final de palavra)
j-, gi-, ge- → dj (realização fonológica e ortográfica)
hoje → *hozi* (Malaca-Singapura, Oecusse, Lautém, Díli)
João → *Djoão* (Larantuca, Oecusse, Lautém, Bidau, Díli)

- Juntar → *djuntar* (idem)
giz → *djiz* (idem)
fugiu → *fuzi* (Malaca); *fuchi(u)* (Bidau); *fudji / fuzi* (Oecusse, Lautém, Díli)
- → f, v → b, f → p
vidro → *fidero(u)* (Malaca, Flores, Oecusse, Lautém, Díli)
vestido → *bestido (u)* (idem e variedades do norte de Portugal)
livro → *libro(u)* (idem)
fortaleza → *portaleza / porta leza* (Wureh, Larantuca)
festa → *pesta* (Malaca, Flores, Wureh, Oecusse, Lautém, Díli)
Carvalho → *Karfallo, Carfalho* (Larantuca, Sikka, Oecusse)
 - t → d
prata → *prada* (Flores, Oecusse, Lautém, Díli)
 - qu → c
qual → *cal* (Malaca-Singapura, Flores, Oecusse)
quanto → *canto* (idem)
 - V-ar → a, V-er → ê, V-ir → i (comum a todos os crioulos de base lexical portuguesa)¹⁷
levar → *leba*
viver → *vivê*
medir → *medi (midi, A Baxter: 1998:36)* para Malaca-Singapura e Bidau)
 - CCV → CVCV
fresco → *feresco* (Malaca-Singapura, Flores, Oecusse, Lautém, Díli, Bidau)
padre → *padere(i)* (idem)
grade → *g[g] eradi* (idem)
matraca → *mataraca* (Larantuca)
 - interpretação prefixal de prep. e artigo
da Cunha → *Dacunha* (Flores, Oecusse)
do Rosário → *Derozari* (idem)
o menino → *amenino* (idem)
 - ortografia de:
c → k, *boneka, sako(u)*
o → u, *soldadu, sacu*
também → *tamen* (Malaca-Singapura, Flores, Oecusse, Díli)

Em Malaca – Singapura, poucos casos se recolheram de troca dos valores de C / G, v.g.: Sequeira - *Sequera*, Gonçalves – *Consalves*, que – *gue*, guarda – *guarda* (frequentes nas Flores, Oecusse e Lautém). Também nas Flores se encontram ortografias, frequentes no Oecusse e alvo de estudo da autora (2001), como: *Francis Ciku* (Francisco), *Es Mola* (esmola), *Messi Cordya* (misericórdia), *des ceu* (desceu), *nos sa* (nossa).¹⁸

Morfologia

Alterações da flexão nominal, género / número, de significado morfológico e sintáctico, próprias dos crioulos e das fases de incompleta aquisição de português língua estrangeira:

sua pecado (Malaca)
na mar (idem)
o andorinho (idem)
certo rua (idem)
sua serbiçu (idem)
sua flores bermelho (idem)
mal meu pena (Bidau)
este guera (Bidau)

Maior preservação da flexão nominal em Bidau. Instabilidade de *o* e átono → *a*, *i* átonos ou Ø: *tardi*, *rabenta*, *scola*, fenómeno comum a outros crioulos de base lexical portuguesa e ao próprio Português Europeu Contemporâneo.

Preservação, em Bidau igualmente, ao contrário do habitual na crioulição, da flexão verbal da 2ª pessoa plural, ainda que rara e sobretudo em texto da tradição oral, por vezes fixada pela escrita¹⁹

«sabeis»
«cubiçareis»
«tomais»

O tratamento por VÓS é preservado no BÔS / BOCÊ do *kristang*, no VÓSSE de Bidau, neutralizando ambos a oposição TU / VÓS, VOCÊ. Em Timor, mesmo em texto escrito, encontra-se a forma arcaizante VÓS, como é o caso de X. Gusmão em *Timor Leste, um Povo, uma Pátria* (1994), provavelmente face à escolaridade em instituições religiosas e à influência constante da missa, cuja liturgia portuguesa consagra a distância no tratamento de Deus – contrariamente a todas as línguas românicas – e apenas há 20 anos foi substituída pelo tétum, com selecção da mesma forma de tratamento:

«Vós dizeis...»(122)
«Deveis também ter em conta...»(idem)
«...soubestes pensar...»(124)
«...deveríeis estar dispostos...»(idem)
«Eu sei que vós compreendestes...»(125)

Sintaxe

Nunca – a preencher as circunstâncias de ocorrência de Não

«...cozinha nunca sabê» (Malaca, Oecusse, Lautém, Díli)

Ter / Haver – «Barco djá tem na barra» (Malaca, Bidau, Oecusse, Díli)

Prep COM – «fazê cara com eu» (= para mim) (Malaca)

«Mata um com o outro» (Bidau)²⁰

«Vamos com carro» (Oecusse, Díli, Lautém - construção desviada comum a outras línguas oficiais, como a de Moçambique)

Prep A / DE – *Cruz costa* (Flores, Oecusse, Lautém, Díli)
«Glória ao pai, do filho...» (Larantuca)
De Costa, de Cruz, de Rosário, de Gama, de Rosa (Flores, Oecusse)
Determinante Ø – *mãe de igreja* (Larantuca, Oecusse, Lautém, Díli)

LÉXICO

Trabalho → *serbiçu* (Malaca-Singapura, Flores, Lautém, Oecusse, Díli)
Jovem rapariga / tratamento de respeito) → «nona²¹», «nono» / «nonoi»
Arroz com casca → «néli» (Flores, Oecusse, Lautém, Díli)
Escola → *sekola* (Flores, Oecusse)
Blusa de corte próprio → «cabaia»²² (Timor Lorosa'e, Malaca-Singapura) e «bajú» (Malaca-Singapura, Flores, Timor lorosa'e)
Carro → *carreta* (Malaca-Singapura, Flores, Timor Lorosa'e)
Escrivão → *scriba* (Malaca-Singapura, Flores)
Romã → *rumão / romão* (Malaca-Singapura, Flores, Bidau, Oecusse, Lautém, Díli)

De notar que o léxico respeitante à tradição da *masca* é o mesmo: areca, bétel e cal, em harmonia com A Rego (reed 1998), na descrição das tradições da boda, a propósito da oferta da *masca* aos convivas que a desejem (Singapura), segundo S Sousa (1933: *apud* A Rego (idem), verificada pela autora em cerimonial de recepção *maumere* e nos mercados de todas as comunidades percorridas.

Reuniram-se, ao *corpus* analisado, as informações escritas de A Castro (1943), quanto ao crioulo de Bidau, e alguma observação de dados junto de velhos habitantes desse bairro, que ainda sabem falá-lo – mas não se pode concluir que ainda haja redes comunicativas no crioulo em causa – além dos contributos de A Baxter (1990).

Estas fontes convergem no mesmo sentido.

Julga-se que a trajectória geográfica teve o seu relevo à semelhança de processos outros, pois enquadra-se em fenómenos decorrentes de conjunto pluricausal de factores como sejam: **1)** a realidade de, desde o século XVI, as bolsas formadas por comunidades de falantes do português terem sido, sobretudo, ladeadas por comunidades utentes do malaio e de línguas austronésicas; **2)** as próprias direcções de mudança do português, já que certos fenómenos examinados também ocorrem em dialectos do português europeu contemporâneo – monotongação meridional, instabilidade do –e, e noutras posições átonas, v -> b no norte do país, etc; **3)** a similitude de algumas variedades sociais do português actual – reestruturação silábica como *ritemo*, *marafim*; **4)** a identificação com outros períodos históricos da língua portuguesa – *cal*, *canto*; **5)** as direcções de variação do português no espaço descontínuo em que se mantém no presente – Ter / Haver ocorre no Brasil, em Goa, Damão, Diu e em todos os países africanos da CPLP; **6)** as idênticas características de diversos crioulos de base lexical portuguesa, como os de Cabo Verde, apesar de coexistirem com línguas não geneticamente próximas das malaio-austronésicas – levá, vivê, medi; **7)** as dificuldades e desvios dos próprios falantes nativos, em Portugal, no seu primeiro ciclo de escolaridade – *chuvero* (chuveiro), *biber* (viver), *vundo* (fundo), *poneca* (boneca), *terês*

(três). Específicos dos fenómenos tratados são os desvios respeitantes à fonologia dos grafemas J, GI, GE -> Z ou Dj e X -> S, CE, CI / CH -> CH, já que a perda do género e número é traço das línguas crioulas.

Nestas condições, muito da didáctica do português, primeira língua, se aplica, neste país, com a melhoria de, na adequação aos destinatários timorenses, se desenvolverem métodos próprios do ensino e da aprendizagem das línguas estrangeiras. Deixam-se estas notas para apoio dos docentes que, em Portugal, ou em Timor Lorosa'e, contribuam para a concretização da língua portuguesa como língua oficial, opção inequívoca do CNRT.

Um pouco lateralmente, mas como testemunho do contributo lexical português, não só para os crioulos afluídos, como igualmente para o malaio, listam-se itens recolhidos nas Flores: **1)** nas publicações que figuram na bibliografia final, além dos avisos das igrejas e impressos / brochuras respeitantes aos rituais do tríduo pascal; **2)** por solicitação de orações em português a dois informantes aleatórios, acrescida da audição de celebração com cânticos.

Nas primeiras fontes, encontram-se vocábulos: **1)** empréstimos da área do vocabulário religioso; **2)** referentes à sequência das festividades pascais; **3)** estrangeirismos lusitanistas do malaio.

Respigam-se exemplos ilustradores da classificação enumerada:

1 N abstractos

Adorasi, devosi, kristiani, lamentasi, misa, misteri, sacrament

N comuns

Litani, paroki, pastor, missionari, novena, bendera

2 *(Do) Minggu Cruz, Minggu Ramu / Palma, Kinta Vera / Rabu Trewa, Sesta – Vera, Sabtu Sancto, Minggu Alleluya / Pasca (Pascah)*

3 N abstractos

tradisi, perpetu

N comuns

Franfare, mataraka, morti, lampau / lampion²³, padere / padri, ornameto, ornamentonya, prosesi, konfreria (rria), serdadu, procador, scriban, taserero, mardomu, reformator, promotor, es mola (jemola)

Expressões

Corona sipina / corolla spinal / krona spinal, Jemola de deo, custura de deo, mao do diabo, de morti

Topónimos

Armida Dequwarda Deo / Dequarda Deo / Quarda deo, Armida Santu Antonius, Armida Gentera (Jendera), Kapela Senhor dan Senhora, Kapela Senhora Maria, Jalan Gwarda Deo²⁴, Konfreria Reinha Rosari²⁵

Hagiónimos

Santa Maria, Reinha Rosari, Senhora de Penya, Senhora Mesericordia / Mesicorda / Messi Cordya, Maria Reinha, Renya / Reinha Maria, Homo Limbrado, Cruz Pecado

Antropónimos

Kapitan Dequwarda Deo, Kapitan Gendera / Jendera, Senior²⁶ / Semor, Mesti di campo, Mordima²⁷, Portaleza / Porta Leza

Na segunda recolha de dados, por solicitação de orações a dois informantes avulsos, das Flores, Edmundo Parera, de Sikka (80 anos), e Maria Jari Dias, de Larantuca (73 anos), os resultados não constituem amostragem em termos de inquéritos linguísticos²⁸.

Aqui são deixados como curiosidade para quem se interessar, em jeito de notícia da existência de filão do património linguístico português na área:

1 Léxico quinquentista

Maria – *bento* (bendito); primeira versão *contigo* / segunda versão *consigo* (convosco) e *teu ventre*, forma de tratamento de Deus por tu, preservada até ao período clássico do português, flutuando, como na informante, entre os séculos XVI e XVII, para se fixar nas fórmulas de distância do presente, excepção única ao tratamento de proximidade, o TU, de todas as restantes línguas românicas, de acordo com o conhecido artigo de LFL Cintra.

2 Fonologia do português clássico

Maria e Edmundo – articulação, anterior ao processo do vocalismo átono, das cinco vogais do sistema português clássico; sibilantes, e não palatais, na leitura do grafema S final de sílaba / palavra

Edmundo – vogais nasais mais abertas, como no português do norte de Portugal da actualidade

Maria – preservação de vogais em hiato, *chea*

Ambos hesitaram na oposição mais / menos vozeada de [v] / [f]: *ventre* / [f]entre; *louvado* / lou[f]ado. Maria revela a reconhecida instabilidade de –e átono, postónico em *de* / *d[i]*, mas articula *Senhor* como no Português Europeu Contemporâneo.

No mesmo sentido, vai a análise de textos respeitantes a orações, cânticos litúrgicos ouvidos na catedral de Larantuca, na Sexta - Feira Santa, ao coro da confraria e à assembleia dos fiéis, da qual se destacavam vozes individuais, já que nem todos sabiam cantar em português.

Neste último caso está o *Sinior Deo*, cantado a seguir a *O Vos: Sinior Deo, miseridordia* (três vezes), que revela o mesmo vocalismo, hesitação entre o valor de –s- e oscilação entre o ditongo final de *miseridordia* e a respectiva monotongação em –a, interpretação hiática de *Deo*, articulação de [i], na sílaba inicial, e palatal equivalente à ortografia actual –*nhor*, em *Sinior*²⁹.

No caso dos textos escritos, não ouvidos pela autora, outros classicismos figuram nos itens sublinhados dos exemplos seguintes: *rogai per; Gloria ao patre*.

Podê, pois, afirmar-se estar perante a manutenção de algumas características do português dos períodos clássicos, língua da qual não há rede comunicativa, remetida que foi para exclusivo uso ritualizado, da liturgia católica, nas suas principais celebrações, a Páscoa e o Natal. Uma população insular, encravada em contexto nacional de maioria islâmica, preserva-a, tal como os apelidos / primeiros nomes portugueses e esplendorosas imagens de santos portugueses, indoportugueses do mesmo período clássico, ostentando profunda convicção católica, transparecedora tanto da densidade, veementemente exacta, bela e profunda, dos seus cânticos (paroquiais e da confraria)³⁰ como daquele português – garantias da própria identidade.

Conclui-se acrescentando que, em textos escritos, títulos da bibliografia final, em malaio, e que não podem, de modo algum, ter sido transmitidos desde o século XVII, são visíveis influências de sacerdotes conhecedores de português: 1) no acompanhamento das orações que aparecem em versões posteriores a 1940 («perdoai-nos as nossas ofensas...», do Pai Nosso), a 1950 (retirada dos versos «rainha elevada ao céu / em corpo e alma», de Santa Maria... Rogai por Nós) e mesmo a 1960 («como era no princípio agora e sempre», da Glória). Todavia há manutenção, contrária às

citadas actualizações, de «desceu à mansão dos mortos», do Credo, traço conservador³¹. Esta observação mostra empenho na conservação do português na liturgia. Por que razão não promover a abertura de Cursos de Português nas Flores? Não esquecer que o Seminário da congregação Societas Verbi Divini (SVD) excede os 500 alunos...

Notas

¹ Os informantes ouvidos na amostragem aparentavam querer agradecer à autora, ao afirmarem que vinham usando o português na família e com os amigos.

² Diversamente de A Rego (reed1998), que não era linguista, não se considera, em sintonia com A Baxter (1998), a existência de um dialecto do português em Malaca, mas a de um crioulo de base lexical portuguesa. Por crioulo entende-se uma língua resultante de mais do que uma em contacto, após longo processo de estruturação de novo sistema. Os crioulos apresentam alguma semelhança entre si, por mais que divirjam as línguas de que derivam.

³ E, indirectamente, a Singapura, que foi local de chegada de emigrantes de Malaca, particularmente muito mais tarde, nos inícios do século XIX, o que explica a identidade entre ambos os crioulos, de Malaca e de Singapura.

⁴ Grata a N. Soares e J. Mota, tradutores orais de excertos das obras, em malaio, e sobretudo à superiora irmã Maria de Lurdes Martins da Cruz do ISMAK, tradutora por escrito (vd Bibliografia), cita-se J Tukan (2001), que refere os ataques a Malaca em 1641 e consequente fuga de levas de refugiados. Estes aportam a Larantuka em 1642, dirigidos pelo Pd Lucas da Cruz. Segue-se-lhes o comerciante de Malaca, eurochinês, Francisco Vieira, por 1665, com o Pd António. Os primeiros fixam-se em Konga, chefiados pelo capitão J da Costa, além de em Larantuka e em Adonara, e são constituídos por dois grupos: «Jawa-Malaka» e «Sina-Malaka», entendendo-se por malaqueiro um grupo populacional indo-europeu e euro-asiático. Aportam ao Oecusse, onde também se fixam, com o «Pd António da Sao» (?). O Pd A Taveiro instala-se em Ende, onde faz significativas conversões, de acordo com fontes cronistas dominicanas, sobretudo Gaspar da Cruz.

⁵ Na impossibilidade de analisar as mesmas famílias em cada uma das comunidades estudadas por amostragem.

⁶ Recolhas de Malaca: «Pastorinho berde / Más berde di rico fôr; / Bai lebã êsti chito / Dá com eu as amor.» (A Rego: 1942:89).

«Minha pastorinho berde / Na qui ramo bôs tá sentá?/ Santá na ramo seco, / Triste bida eu logo passá.»; «Pastorinho berde, / Ramo seco já sentá; / Santá na ramo seco, / Qui ripairo logo achá?»; «Pastorinho Berde, / Um ramo santá dós dós; / Eu nádi morrê lonzi, / Eu logo morrê perto bôs.» (A Rego: 1942:115-116).

«Pastorinho berde / Más berde di fôla cocu, / Com alégri tá aboá, / Já perto cai na fogo.»; «Passarinho berde, / Santado na ramo espinho, / Olá genti chapá perto / Bai êle outro caminho.»; «Passarinho berde, / Santá na riba de poço, / Tocá um pedaço di pedra, / Já quebrá sua osso.» (A Rego: 1942:267-268).

Recolhas de Bidau: «Pasterinho berde / Senta na catapa / Velho olha velha / Senta tapa-tapa. / Pástero de Lamuca / Pena girã-sol / Culpa não foi minha / Culpa foi de vós. / Peixe mãtã-ôi / Manérè no collão / Tanto fala fala, / Doe de còração.» (A Castro: 1943:160). Este motivo da literatura oral encontra-se em Cochim, Mangalore, Diu, Sri Lanka, Macau e Bidau, segundo A Baxter (1998).

⁷ Teve-se em conta o facto de, no arquipélago das Flores, ser frequente o enterramento dos familiares junto da residência dos descendentes, pois julga-se o montante de campas considerado como representativo, além de a leitura aleatória de tabuletas, junto às casas, indicar idênticos antropónimos.

⁸ Com a cedência de Malaca à Companhia Inglesa das Índias Orientais, pela Companhia Holandesa, em 1824, desencadeou-se algum movimento migratório para Singapura, como para Penang, Ipoh, Kuala-Lumpur e Seremban, segundo A Rego (reed 1998) e A Baxter (1998), assim se deslocando o crioulo de Malaca para Singapura em data recente. Os casamentos frequentes, observáveis nas inscrições tumulares, entre membros desta comunidade cristã – aliás como das outras - e católicos ingleses, holandeses, chineses, franceses contribuíram para a sobrevivência da bolsa cristã na região, mais do que para a preservação do crioulo, em harmonia com aqueles autores.

⁹ Agradeço a J. Mattoso a colaboração na pesquisa do cemitério de Malaca, tanto como ao coveiro e à irmã Nicoline PRR o apoio no levantamento das inscrições no cemitério central de Larantuka. Grata, igualmente, aos miúdos de Sikka que contribuíram para o reconhecimento dos nomes portugueses, de ortografia quase irreconhecível.

¹⁰ Além dos cemitérios, foram considerados avisos das igrejas, impressos / brochuras respeitantes à semana santa, informação diocesana e intenções da missa.

¹¹ Indicam-se, entre parênteses, os apelidos próprios de localidades dentro das Flores.

¹² A instabilidade ortográfica decorre do analfabetismo de muitas comunidades crioulas, ou apenas cristianizadas em português que, por isso mesmo, estão apegadas a rituais numa língua sem nela terem sido escolarizadas, encontrando-se em contacto com línguas como o malaio, tal como no passado o inglês e o neerlandês, além de outras primeiras línguas, de que o lamaholot em Larentuca é exemplo. A população cristã, analisada, constituiu sempre um estrato economicamente pouco favorecido, distante de relação habitual com a escrita, aliás de produção pouco cuidada, conforme comprovam as numerosas gralhas tipográficas verificadas nas publicações, em malaio, da bibliografia final.

¹³ Nas Flores, Larentuca, encontra-se a campa de uma irmã franciscana chamada Imerentia, nome relacionável com Emerciana, Emirensiana e Renciana do Oecusse (MJCarvalho:2001). Os antropónimos Blanteran / Belanteran (Beltrão ocorre como apelido das Flores), Mousinho (Mouzinho ocorre como primeiro nome em Singapura), Crasto (apelido Castro em Singapura), Lopo e Sancha (apelido e nome do Oecusse), entre mais, atestam vernaculidade. De salientar que, em todos os cemitérios, apenas dois túmulos poderiam ser de sacerdotes portugueses ou euro-asiáticos. Contudo, muitos padres, frades e freiras lá foram enterrados, quase todos católicos holandeses, ingleses, indonésios, malaios ou singapurianos – justamente, por serem em número significativo se encontram em talhão próprio, para o qual, aparentemente, foram simultaneamente trasladados.

¹⁴ Uma das inscrições mais recentes, num sino de Wureh, Adonara, esclarece que «Antonio Albuquerque Coelho. Fidalgo da casa de Sua Magestade mandou fazer este sino em 1714 anno em o 1º de Dezembro». O colecionador R Fonseca admite que a fundição seja de Goa, isto é, localidade do ciclo migratório abordado, que se mantém tanto mais quanto o mesmo erudito em arte sacra esclareceu tratar-se de antigo Governador de Timor (Terra da Santa Cruz) – Lifau. Sabe-se que, posteriormente, até meados do século XIX, houve sacerdotes portugueses nas Flores, porém, foi largo o tempo sem sacerdote católico algum, em que a comunidade prosseguiu os ritos através dos chefes de suco, responsáveis pelos espaços sagrados, suas imagens, organização das celebrações natalícias e pascais. Talvez por isto mesmo se preservassem tradições mais arcaicas.

¹⁵ A regra não aparenta seguir-se no Enclave, tanto CH como X ocorrem realizados como S-, CI, CE, embora X nunca seja articulado TCH, realização reservada para CH, ao lado de C, o mesmo parecendo suceder em Lautém e em Díli.

¹⁶ Não parece seguir-se, no Oecusse, a regra de quando intervocálico -> Z, em ambos os contextos se notou, a ser verificado, -> Z e DJ.

¹⁷ Como é sabido, a flexão verbal nas línguas crioulas é improdutiva, sendo o sujeito obrigatório. A redução ao radical do infinito constitui, portanto, regra.

¹⁸ Outras semelhanças, não linguísticas, são de apontar, por exemplo motivos florais ou de origem europeia, mas setecentista, nos *ikats* de Sikka e nos *tais* do Oecusse, a presença perfumada de *japung* nos cemitérios, árvore sagrada para os hindús, tal como da imensa árvore baneana, gondoeiro / gondão, em Timor, sagradas em ambas as culturas, hindú e do sudeste asiático.

¹⁹ Excetuando-se a preservação da 2ª pessoa do plural, em texto escrito e/ou ritualizado, comum ao texto litúrgico português (tal como a alguns dialectos portugueses nortenhos) e que vigorou até há 20 anos, quando o Ordinário da Missa foi traduzido para tétum..

²⁰ Agradece-se a N Soares, ex-chefe de suco da zona de Bidau, as informações e o apoio na selecção de informantes.

²¹ Em Timor ganha o sentido oposto, reservando-se *nono* (masculino) e *nonoi* (feminino) para a expressão de grande estima. Agradeço a A Ribeiro esta informação.

²² A cabaia, traje tradicionalmente usado na missa, no dia-a-dia das mulheres mais velhas, em todas as situações de alguma formalidade – certos grupos populacionais vestem-na quase sempre – apresenta cortes variados: mais arredondados atrás; de pano mais comprido abaixo do corte horizontal traseiro, acima da cintura; de pinças laterais oblíquas ou arredondadas, de maior / menor comprimento, por vezes como pregas fundas, num esboço de «anquinhas»; com manga a três quartos de maior ou menor enfunamento, género balão, nos ombros; de gola enviesada, pregueada junto ao pescoço ou pendente e sobreposta à frente, etc. O tecido usado é acetinado, adamascado, arrendado, mole, do tipo dos lenços, normalmente de cores vistosas e brilhantes. Também pode ser de luto ou em pano para trabalho. Todos os formatos evocam cortes do século XVIII-XIX e afinidades na preferência de tecidos e coloridos – mais uma marca de personalidade própria, a

preservação de vestuário de modelo inicial alheio, fortemente alterado e adequado ao clima, por ser amplo, fresco e proteger do sol. Uma palavra para a elegância do corte, tão articulado com o movimento feminino, gracioso e recatado, da mulher timorense. A Rego (1998:161-162) inclui a cabaia no vocabulário crioulo de Malaca-Singapura e, em nota, acrescenta referência que Camões lhe faz, no Cellão, e a abonação do dicionário de Moraes, em que a cabaia é tratada como vestido de túnica cuja frente desce aos joelhos – era mais comprida e também acompanhada de pano enrolado, cobertura da cintura aos pés, já que seria impossível, na época, rotular-se de vestido peça que não roçasse o chão. S. Dalgado (reed 1998:182) deriva cabaia do «persa-árabe», «indianizado» e atribui-lhe a acepção de túnica, capote e casaco. Provavelmente, nessas regiões também se sobrepunha a vestuário local, reconstituível em Timor pelas *tais*, *lipas* e outros panos enrolados, havendo no Oecusse, ainda no presente, mulheres de tronco nú, exposto ao sol.

²³ O termo malaio é *lentera*, embora A Rego registre *lantera*, tal como faz com *mantega*, mas a ortografia actual é a de *mentega*, provavelmente houve acordo ortográfico posterior à obra cuidada de A Rego.

²⁴ Grata a A Barrento pela chamada de atenção para o nome da rua. Aliás figurava, sob a ortografia Cwarda Deo, em camisolas – agradeço a C da Silva ter-me feito observá-las – identificadoras dos elementos ao serviço da Ermida, ponto de paragem das procissões do tríduo pascal.

²⁵ É confirmada em 1622 pelo Papa Gregório XVI, Congregatio de Propaganda Fide, segundo folheto sobre a Semana Santa, distribuído no ano corrente pela Confraria da Rainha do Rosário.

²⁶ E o capitão é o «Sinyor de Hornay, kapitan Jendera»...(J. Tukan:2001:62) conhecida família, insigne em Timor.

²⁷ Derivado de «mayordomus» segundo J. Tukan (2001:55-56), o maior da casa, neste sentido, da casa de Deus, o mordomo é respeitado. Há camisolas com a inscrição *Mardomo Lambeta*, etc, que remetem para o suco, «clã» de pertença do mordomo – esclareça-se que as oito ermidas, pontos de paragem da procissão, correspondem aos oito «clãs», de harmonia com os impressos diocesanos.

²⁸ Solicitada, de surpresa, a rezar a Ave Maria, a informante mostrava-se contraída com a presença de elementos da comunidade e estranhos (total de 14), que a interrompiam, carecendo a recolha dos critérios que presidem a este tipo de estudo de campo. Não havia tempo, nem era esse o objectivo do estudo realizado pela autora, para pesquisa criteriosa. Contudo, há registo sonoro, tal como de Edmundo, gravado por colecionador, erudito da área da arte sacra, R Fonseca, da repetição da oração. Adianta-se que as versões, divergem apesar de se tratar de locutora única. Os dados revelam-se inadequados para trabalho de campo segundo o rigor do inquérito linguístico.

Informações inseguras, porque recolhidas via intermediários a apenas dois informantes – um, natural da povoação, residente na capital há longo tempo, em encontro casual; outro, um padre de outra localidade, mas conhecedor de latim e italiano - referem «falar-se português» em Sagu, Adonara. Os intermediários, em presença, tradutores do malaio (A Ribeiro; A Barrento), ambos sem formação linguística, obtiveram a notícia da existência / eventualidade de presença de bolsa de falantes, ou de elementos isolados, que, ali, usam língua por eles considerada como sendo a portuguesa. Não tendo sido praticável uma plataforma clara sobre o significado de «falar português», deixa-se a notícia «em passant», para algum interessado.

²⁹ Ao longo do artigo transparece a hesitação na ortografia, reveladora de instabilidade fonológica, do item *Senhor (a)*.

³⁰ Apreciadora de música sacra, nomeadamente de canto gregoriano, nem em Montserrat a autora ouviu cantar assim. A disciplina, a vontade e a convicção religiosa são inexcedíveis nesta comunidade.

³¹ Agradeço a J. Mattoso a identificação das datas destas alterações litúrgicas.

Bibliografia

- BAXTER, A (1988). *A Grammar of Kristang (Malaca Creole Portuguese)*. Camberra: Pacific Linguistics.
- (1990). «Notes on The Creole Portuguese of Bidau» *Journal of Piggín and Creole Langage* – 5 (1) – 1-38 pp.
- (1998). «Introdução» in A Rego *Dialecto Português de Malaca e outros Escritos*. Lisboa: CNCDP.
- CASTRO, A (1943). *A Ilha Verde e Vermelha de Timor*. Lisboa:AGC.
- CARVALHO, M.J. (2001). «Apontamentos Linguísticos sobre a Antroponímia no Enclave do Oecusse», *Palavras*, 20-26 pp.
- DALGADO, S. (reed1998). *Dialecto Indo-Português de Ceilão*. Lisboa: CNCDP.
- GUSMÃO, X. (5 Ed1994). *Timor Leste – um Povo, uma Pátria*. Lisboa: Colibri.
- KEBAN, Y; TUKAN, J.S. (2001). *Doa dan Kibung – Semana Santa*. Jakarta: YPPM (Yayasen Putera-Puteri Maria).
- REGO, A (reed 1998). *Dialecto Português de Malaca e outros Escritos*. Lisboa: CNCDP – (1932-1968).
- SMITH, I. (1998). «Introdução» in S Dalgado *Dialecto Indo-Português de Ceilão*. Lisboa: CNCDP.
- TUKAN, J S (2001). *Prosesi Bersama Tuan Ma dan Tuan Ana*. Jakarta: YPPM (Yayasen Putera-Puteri Maria).